CÓDIGO A7 (entrevista)

06/11/2020

ENTREVISTADOR - Composição da sua família:

ENTREVISTADO – casado. Tenho 2 filhos, homens.

ENTREVISTADOR - Qual a idade deles?

ENTREVISTADO - Um tem 28 e outro tem 23, e agora tá vindo um netinho homem também

ENTREVISTADOR - Os seus filhos, chegaram a sair de casa pra estudara? Ou outra situação?

ENTREVISTADO - Meus dois filhos já constituíram família. Os dois já tem família.

ENTREVISTADOR - no caso eles chegaram a sair para estudar também, ou não?

ENTREVISTADO - o mais novo saiu para estudar na Escola Agrícola agropecuária.

ENTREVISTADOR - E ele retornou?

ENTREVISTADO - ele retornou, mas ele trabalha de vendedor para casa Agrícola

ENTREVISTADOR - Aqui?

ENTREVISTADO - Na Acrilândia. E o de 28 , mora em Ariquemes, foi diferenciado. Não. Ele trabalha na eucatur.

ENTREVISTADOR - Não tem nada a ver com produção. O seu filho caçula faz algum tipo de parceria com o RECA?

ENTREVISTADO - Não. Não, até porque ele tá em outro município. Se ele tivesses por aqui, com certeza, ele faria.

ENTREVISTADOR - A origem da sua família? Você são daqui?

ENTREVISTADO - Eu sou carioca. Eu sou de Paraty.

ENTREVISTADOR - Há quanto tempo no caso sua família, ou você vive aqui no local?

ENTREVISTADO - Eu vim criança pra Rondônia, eu sai de Paraty eu tinha 1 ano, não, eu tinha 2 anos e meio. Eu nem conhecia Paraty. Eu vim conhecer, eu tinha 20 e poucos anos quase 30 anos. Aí eu já voltei 4 vezes lá pra passear.

ENTREVISTADOR - Mas você veio direto aqui pra essa região?

ENTREVISTADO - Não. Eu vim para o sul de Rondônia. Pra Ouro Preto.

ENTREVISTADOR - E aqui então, está a quanto tempo?

ENTREVISTADO - Aqui tem uns 35 anos.

ENTREVISTADOR - Sua área de propriedade:

ENTREVISTADO - Eu tenho 7, 8 , uns 12 hectares.

ENTREVISTADOR - a sua atividade principal?

ENTREVISTADO - Eu trabalho aqui, porque eu sou responsável de comercialização e tenho a propriedade. Nós falamos agrossilvicultura. Sou agrossilvicultor.

ENTREVISTADOR - E também é o diretor do RECA. A sua mão de obra na propriedade ela é contratada ou familiar:

ENTREVISTADO - Hoje é meeiro.

ENTREVISTADOR - A sua relação com o mercado. É toda via RECA?

ENTREVISTADO - Toda via RECA.

ENTREVISTADOR - Outra atividade remunerada, é a direção do RECA

Algum membro da sua família recebe algum auxílio do governo? Pensão?

ENTREVISTADO - Tenho um filho que tá recebendo esse auxílio emergencial. (mas ele não mora contigo?) Não.

Variável Contextualização:

ENTREVISTADOR - 1 - Quando você iniciou a sua atividade. Qual foi o principal motivo. Se seu pai já era agricultor? Ou foi porque você casou, ou uma questão econômica? Os principais motivos de você ter iniciado suas atividades na região?

ENTREVISTADO - É o desafio de agricultor, né. A família toda, meu pai tinha chácara lá Corisco, ao lado de Paraty. E trabalhava na roça, na época vendeu e veio para o Sul de Rondônia, arrumar um pedaço de terra maior, porque a terra lá era pequena. Depois dali, ele veio para cá, pra arrumar um outro pedaço terra maior ainda. Então eu sou de família de agricultores. Avós, pais, irmãos todos agricultores.

ENTREVISTADOR - Quando você iniciou a sua propriedade, você já teve o suporte financeiro do seu pai? Você deu continuidade na dele?

ENTREVISTADO - Não, não. Eu tive a minha mesmo,

ENTREVISTADOR - E quais as principais dificuldades de quando você iniciou a sua?

ENTREVISTADO - Dificuldade? Dificuldade. Foi falta de suporte financeiro, falta de dinheiro.

ENTREVISTADOR - Quando você começou, já tinha a Associação ou não?

ENTREVISTADO - Eu comecei pela associação. Apesar de ser filho de agricultor, quando eu entrei para a Associação, meu pai tinha um hotel aqui. Tocava um hotelzinho. Meu pai tinha uma propriedade, mas a gente tava vivendo mais do hotel.

ENTREVISTADOR - Você considera que a associação ajudou você?

ENTREVISTADO - Pra mim sim, muito.

ENTREVISTADOR - E aí no caso para você superar a dificuldade da falta de dinheiro, jJustamente a associação. Você acha que ela é te ajudou?

ENTREVISTADO - Ela foi o suporte. Nos plantios sempre algum suporte de algum projetinho, que tinha uma graninha que vinha.

ENTREVISTADOR - Quando você iniciou o processo, O que vocês plantavam na época?

ENTREVISTADO – Cupuaçu, pupunha e castanha. Meu primeiro projeto foi de cupuaçu e castanha.

ENTREVISTADOR - Permanece até hoje?

ENTREVISTADO – Não, Hoje eu tenho muito mais, Hoje eu tenho minha chácara. Eu amo trabalhar na roça. Apesar da minha chácara está na meeira, eu tenho cupuaçu, pupunha e a castanha, andiroba, copaíba, lixia, eu tenho galinha. Eu tenho verdura. Se eu falar assim, “eu não quero comer nada comprado hoje’. Eu sobreviveria lá na roça. Bastava comprar uma máquina pra moer a castanha pra tirar o óleo. E sal né. Porque açúcar cê consegue viver sem, né. E as outras coisas eu tenho tudo. Eu tenho galinha, ovos, tem verdura. Tem laranja, pupunha, banana, mamão. E a produção é orgânica.

ENTREVISTADOR - Você também está dentro da certificação, tem o certificado?

ENTREVISTADO – Tô. Certificação orgânica.

ENTREVISTADOR - Essas culturas que você iniciou, teve alguma coisa que você tentou fazer, alguma cultura, algum processo, que não deu certo?

ENTREVISTADO – Não. Teve muita dificuldade em tudo, né. É praga, doença, falta de adubo, falta de estímulo financeiro, as ervas daninha, principalmente quando você mexe com certificação orgânica é bem mais complexo. Mas algo que não deu certo, não teve.

ENTREVISTADOR - E quando você iniciava uma cultura, você fez baseado nas orientações da associação? Como foi isso? Pra escolha das culturas?

ENTREVISTADO – Pela associação. A gente seguiu um caminho pelo menos.

ENTREVISTADOR - Eles direcionavam e aí você seguiu umas orientações

ENTREVISTADO – A gente sempre teve a liberdade e até o estímulo pela organização, pelo RECA, de que a gente diversificasse a produção lá na roça. Mas quando você vai plantar pra vender, você tem que seguir um padrão porque não adianta chegar lá na roça plantar o que não tem nada a ver com a cooperativa. No caso abacaxi até a gente vende.

Por exemplo, eu vou criar carneiro, o RECA não trabalha. Vaca de leite, eu não trabalharia porque ela não tem um padrão. A gente até existe essa discussão de um dia quem sabe, o RECA ter um laticínio, fazer queijo, tal. Mas é uma discussão a longo prazo, então não seria legal. E abacaxi a gente não vendia, e hoje é uma das polpas mais vendidas.

ENTREVISTADOR - No processo desde o início, teve algum processo, ou alguma outra coisa que você considera que você fez de diferente?

ENTREVISTADO – Tudo pra gente foi novidade. Como disse eu por exemplo, apesar de estar no Norte né. Quando eu vim pra aqui, eu não conhecia açaí, eu não conhecia castanha, eu não conhecia andiroba, eu não conhecia copaíba e muito menos cupuaçu. Então tudo pra nós que viemos de fora foi novidade.

ENTREVISTADOR - Os produtos aqui da região. Certo?

ENTREVISTADO – A gente conhecia hortaliça, peixe, gado, o arroz, feijão, milho, tarara, tarara.

Mas, copaíba, castanha, andiroba, cupuaçu não.

ENTREVISTADOR - E esse aprendizado, veio através da associação? Foi por meio de visitas técnicas? Pessoas ou agricultores da região que auxiliaram?

ENTREVISTADO – Agricultores da região. A gente até consta na história do RECA, que o que mais fez o RECA dá certo, que a gente acha um trabalho muito bonito, que fez o RECA vingar, foi o conhecimento que as pessoas daqui tinham com a floresta, e as pessoas daqui não conheciam nada de associativismo, nada de organização social, de cooperativismo. E o pessoal do Sul tinha muito, então a gente fala que a experiência que o pessoal tinha do Sul com as organizações e a experiência que o pessoal daqui tinha

com a floresta, essa junção desses conhecimentos foi que fez o RECA fortalecer. Cada um do seu jeito, um enorme potencial.

ENTREVISTADOR - O RECA sempre promove cursos, seja com entidades, seja com EMBRAPA, EMATER, SEBRAE. Você como agricultor participava desses cursos, treinamentos?

ENTREVISTADO – Sim. Teve um curso espetacular que o SEBRAE, deu pra gente já tem mais de, bem mais de 10 anos, que eu não esqueço nunca, se chamava CAPACITAÇÃO TOTAL RURAL, veio uma equipe, inclusive a equipe também era muito boa, porque essa coisa tem muito a ver com as pessoas. Porque as vezes tem um curso é muito bom, mas as pessoas, o instrutor não. E tem aquelas pessoas que parecem que foi preparada pra aquilo. Deram pra gente o curso que se chamava CAPACITAÇÃO RURAL TOTAL, eles ensinavam a organizar desde aqui até lá na propriedade. Então a gente tinha muito agricultor que jogava as coisa lá, jogava um tanto de arame ali. E eles foram lá e fizeram um troço, foi espetacular. E eles organizaram cada paiol, cada parafuso, enxada, muito legal. E outra coisa que enriqueceu muito a gente como agricultor também foi, a gente fala o dia de Campo, visita. Sai pra visitar o lugar, a gente foi uma vez pra Ouro Preto do Oeste, visitara Ceplac lá. Vai em outras propriedades que dá.....

ENTREVISTADOR - Então você considera que essa soma, essa troca de experiência foi muito útil para você enquanto produtor?

ENTREVISTADO – Sim muito.

ENTREVISTADOR - Em relação à questão de tecnologia, treinamentos ou questões tecnológicas prontas. Teve isso aqui no RECA, de chegarem com pacotes tecnológicos prontos. Dizendo é ideal que vocês façam assim. Houve esse momento?

ENTREVISTADO – A gente na verdade, eu acho que a gente. É um dos grandes problemas do RECA. As nossas culturas são culturas diferenciadas, então nós tivemos uma série de problemas, estamos tendo até hoje. Como por exemplo a indústria que vocês falou. Foi criado todo um mecanismo pra desenvolver nossa indústrias hoje ali com inovação, com esteira e mesmo depois de produzido e apareceu um monte de problema. Porque o nosso produto é diferenciado. Você for falar assim, eu vou colocar aqui um matador de galinhas, um aviário, é só você copiar em Minas Gerais ou lá em Chapecó, em Santa Catarina tem demais, você copia a estrutura e põe aqui. O cupuaçu

não é, o açaí não é. É uma novidade. Então o RECA, com relação a Inovação de tecnologias para as nossas áreas, a gente sempre padeceu, padeceu não, chamo de desafios com isso. A gente tem uma empresa, chamada BEL TERRA que tá fazendo uns plantios aí, que é uma coisa que veio pra cá, separado do RECA, mas que tá perto do RECA, e que a gente tá querendo juntar com eles agora, para melhorar as áreas do RECA. Através da fundação Vale lá, que tá doando dinheiro para eles. Então eles tão implantando áreas, e assim a gente tem feito muitas reuniões, eles sempre dizem que o desafio deles hoje é trazer tecnologia, porque tá dentro da roça. Pra facilitar, porque o nosso trabalho é muito artesanal ainda, muito. Se você pega a soja, tem máquina para tudo. Então um agricultor ele toca 100 hectares, 200 hectares de soja. O cupuaçu, o consorciado não sabe e nem tem tecnologia pra isso. Então esse é um dos desafios que eles estão tendo como objetivo, é traçado, desenvolver um esquema de plantio de SAFs, que eu posso levar uma máquina para podar, que possa levar uma máquina pra grajear, que eu possa levar uma máquina pra....

ENTREVISTADOR - Outro desafio seria manter o orgânico? Porque não pode ser uma tecnologia que vá agredir o meio ambiente?

ENTREVISTADO – Exatamente.

ENTREVISTADOR - Em cima disso por meio de cursos e Treinamentos e por meio de visita. Em algum momento você viu alguma tecnologia e você tentou adaptar dentro da sua realidade?

ENTREVISTADO – Eu só babei, mas não tive condição. É uma expressão. Tá, desculpa. Um dia eu fiz uma visita em Belém e a gente eu vi uma máquina lá dentro do sistema agroflorestal que os japoneses lá tem. Lá eles deixam o mato crescer, eles tem o beco, e eles deixam o mato crescer e tem uma máquina, uma máquina tipo uma tobata, vocês conhecem uma tobata, aquele tratorzinho, né. Só que ela tem um, uma roçadeira e que ela roça tudo e suga para dentro. E ela tem um triturador com uma bica aqui do lado, então você tem uma carreira de planta aqui, o cara vai aqui com o trator roçando aqui, roçando tudo puxando para dentro da máquina triturando e vai com a bica despejando na carreira de plantas aqui. Eu fiquei maluco com aquilo. É tipo uma compostagem né. Eu fiquei maluco com aquilo. E eu tive já duas vezes na Alemanha na Biofach. A gente foi lá e fui pra a roça lá também né, fui visitar umas áreas agrícolas lá. Então eu vi máquina

lá que com um trator, o cara entra meio de canteiro de alface gradeia e aduba ao mesmo tempo. Fiquei apaixonado por aquilo, mas pra nossa realidade aqui é bem diferente, né. É muito desafiador. Você não tem como fazer isso.

ENTREVISTADOR - Mas é mais uma questão financeira, ou de adaptação?

ENTREVISTADO – Questão de tecnologia de adaptação. A gente visitou uma área agrícola lá de um grupo de orgânicos que vende produção orgânica e que faz um trabalho comunitário lá na Alemanha que eles tinham máquina pra tudo. Eles desenvolveram uma tecnologia de um trator que tinha uma bomba atrás e um bujão de gás, ele ligava e acionava uma cortina de fogo ali. Ele preparava, ele gradiava a terra, aí ele plantava a semente todinha. Aí dependendo do ciclo de semente que eles já tinham estudo, por exemplo, sei lá repolho, ele achava que a semente levava 7 dias. Quando é no terceiro dia, de que o mato vinha todo antes, ele passava com aquele trator, com aquele funil de fogo, queimando todo o mato, daí quando o repolho vinha, ele vinha bom. É umas coisas assim que o pessoal tá muito avançado, muito avançado. A tecnologia da placa solar, mesmo, que a gente quer implantar aqui. O Fábio deve ter falado com vocês. Lá hoje, você pega a estrada e você vê, hectares de placa solar. E tudo com a tecnologia roboticazinha, que o sol tá indo para lá, já está indo atrás do sol assim. Pra não perder nenhum minuto de energia solar do dia. A gente tem muito que aprender né.

ENTREVISTADOR - Dentro dessa sua realidade, que seja algo manual. Você considera que alguma coisa foi feita de diferente?

ENTREVISTADO – Foi. Eu tenho roçadeira tobata, com carretinha. Foi uma tecnologia que a gente trouxe e conseguiu inserir ali e roçadeira costal manual.

ENTREVISTADOR - Em relação a questão do processo, tiveram melhorias nas técnicas de produção? Seja por conhecimento via vizinho, seja pela associação, pela cooperativa?

ENTREVISTADO – Teve, pela cooperativa. E pelos vizinhos. E pelos dias de campo. Teve sim.

ENTREVISTADOR - Isso é através de que? Experiência de tentativa e erro? Um fez deu certo e passa para o outro?

ENTREVISTADO – Dias de campo, a gente se encontra, discute muito e troca ideia. Um produtor vai visitar a gente, um produtor que tem mais experiência. Conversa e a gente vai melhorando.

ENTREVISTADOR - A cooperativa tem as visitas técnicas? E você faz parte?

ENTREVISTADO – Tem, tem. Sim.

ENTREVISTADOR - Nesse caso. Houve uma mudança ou adaptação na prática da produção? O que foi implementado?

ENTREVISTADO – Eu acho que a implantação do sistema agroflorestal. Eu vejo assim, eu como agricultura, como agricultor que fui nascido e criado com pai e mãe na roça. Eles plantavam arroz, feijão e milho e capim. Hoje eu tenho dentro de, aqui na minha chácara, por exemplo, eu tenho 10 hectares, eu devo ter pelo menos umas 40 espécies de riqueza ali, que eu trago de frutas, frutíferas. Eu acho que foi uma melhora espetacular. Não tenho nem palavras pra falar, a gente não consegue nem mensurar isso na verdade.

ENTREVISTADOR - As pessoas foram educadas de que precisava tirar um pra colocar o outro. Certo?

ENTREVISTADO – É, e não precisa ser assim. Você pode aderir o ambiente, trazer assim, nossa uma relação maravilhosa.

ENTREVISTADOR - O que você considera a maior novidade, que é algo diferente e deu maior resultado?

ENTREVISTADO – Falando da agricultura, pela minha história de vida, é o sistema agroflorestal. Não só o resultado financeiro, mas o resultado ambiental, impacto ambiental também. E outra coisa que você pode colocar assim também, como pra enriquecer é a questão da educação também né. A cooperativa trouxe muita educação pro produtor, esses treinamentos, capacitação de aprender a respeitar, aprender a valorizar uma nascente a beira do açude, um lixo na propriedade ou, se vai na maioria dos nossos produtores, você não vem lixo na beira do terreiro. Sacola plástica, lata. Se você for nos que não estão envolvidos, você vê que é bem diferente, bem diferente. Claro que no RECA também tem alguns probleminhas, é como eu disse a gente mexe

com gente. Mas a maioria é bem. A cooperativa trouxe muito essa educação para os agricultores.

ENTREVISTADOR - Em relação ao processo da administração da sua propriedade, melhorou nos últimos anos?

ENTREVISTADO – Melhorou. Melhorou porque os processos de certificação que obrigou praticamente, a gente tem, nos educou pra isso, a gente tem planilhas. Eu tenho, CEI, ses me perguntar hoje, eu não sei nada, mas se você falar assim seu ENTREVISTADO, eu quero saber quanto você produziu de cupuaçu, eu tenho a informação. Quanto foi de pupunha, eu tenho. Eu tenho tudinho. O processo de certificação nos educou pra isso.

ENTREVISTADOR - A maior dificuldade de tecnologia?

ENTREVISTADO – É a adequação da tecnologia.

ENTREVISTADOR - Em relação a questão do bem estar, e qualidade de vida da sua família. Você considera que com a atual produção, houve uma melhora ?

ENTREVISTADO – Houve, com certeza.

ENTREVISTADOR - Você considera isso antes do SAF, ou já havia no processo de melhora?

ENTREVISTADO – Olha praticamente impossível a gente falar lá da minha roça, sem falar do RECA, né. Eu acho que o RECA, ele troue através dos SAFs, através da organização, uma série de coisas assim, que eu que fui nascido e criado na roça por exemplo, eu andei de avião depois que eu entrei no RECA. Então se você pegar hoje dentro do RECA, são poucas pessoas que ainda não viajaram, por causa do RECA.
A gente já foi pra vários lugares. várias pessoas nossas foram para Itália, Rio de Janeiro, São Paulo, Rio mais 20 a gente teve em grupo. Então assim eu acho que a agricultura através da cooperativa, da organização social ela te propicia uma série de benefícios através da formação cultural da gente.

ENTREVISTADOR - Então hoje, se você pudesse colocar um dos maiores resultados para isso tudo, estudo foi a cooperativa?

ENTREVISTADO – Foi a cooperativa que nos proporcionou.

ENTREVISTADOR - A questão dos recursos internos da propriedade. Tem resíduos? É reutilizado? Tem algum remodelamento dos recursos?

ENTREVISTADO – Falando dos resíduos lá da propriedade. Hoje eu uso tudo, inclusive eu moro aqui bem pertinho. Eu aproveitei antes do RECA começar a trabalhar com orgânicos aqui, eu pedi para o pessoal jogar o lixo lá. Que pra mim nós não produzimos lixo, nós produzimos uma riqueza. Que a maioria das pessoas do planeta não sabem utilizar.

ENTREVISTADOR - Você mora perto da dona Oliva?

ENTREVISTADO – Eu moro no de cima.

Leo - Ela falou que eles jogavam resíduos lá, A riqueza da terra dela, por causa dos resíduos.

ENTREVISTADO – E aí eu tenho um lado da propriedade onde eu jogava e o outro que se você for lá hoje, você se assusta de ver a diferença. Aonde era jogado o lixo, o cupuaçu chega tá preto, onde não jogava, o cupuaçu tá morrendo.

ENTREVISTADOR - Então é muito visível a diferença?

ENTREVISTADO – É muito visível. Eu aproveitei bem e hoje eu aproveito ainda porque, por exemplo eu tenho a minha horta, que eu tinha um buraco, e joguei muito lixo lá dentro. Aquele lixo hoje se transformou num, quase um humus preto. Aí na minha hora eu utilizo de lá. Não compro nada nada químico pra colocar lá.

ENTREVISTADOR - Então você considera que esse procedimento, melhorou os recursos internos, e reduziu, quase zerou os resíduos.

ENTREVISTADO – Resíduos hoje na minha propriedade é só plástico e vidro. O resto eu aproveito tudo, até o papel. Eu amo espalhar papel no meio da roça. O papel, o cupim come, que já tá em decomposição.

ENTREVISTADOR - Hoje, o que você considera que tem como agregação de valores.

ENTREVISTADO – É o processo dos SAFs. A gente foi educado pra plantar arroz, plantava só arroz. Hoje em 1 hectare, eu posso ter açaí, cupuaçu, castanha, andiroba, copaíba. Acho que essa agregação de valores, de você plantar numa área só várias coisas. E a agregação de valor pro bolso. Porque assim uma das coisas que a gente discute muito no RECA, que a gente aprendeu, É assim valorizar o agricultor, aprender a valorizar a terra dele, de uma forma, que assim, você planta só cupuaçu. O cupuaçu pode dá doença ou pode vir um fator climático, ou pode vir um mercado que vai satura. Então se você tem o cupuaçu, o abacaxi, o açaí, mas não sei o quê. Se o cupuaçu deu quebra eu já

estou limpando de graça o açaí, já estou cuidando da andiroba, então eu tenho uma outra alternativa. Não só outra, várias. Isso dá segurança financeira.

ENTREVISTADOR - Isso é uma complicação, pra quem só faz uma cultura?

ENTREVISTADO – Não sei se vocês já estavam em Rondônia, na década de 90, na crise do gado, da Parmalat. Você lembra da crise da Parmalat? Na região lá de Ouro Preto do Oeste, Ji-paraná e Cacoal era um local que produzia muito leite em Rondônia, os maiores laticínios de Rondônia. E eu lembro direitinho de ouvir o cara dizer que tinha fazendeiro que tava passando fome. Falei como? O pessoal tinha uma casa, coisa mais linda, uma caminhoneta do ano na garagem, o cara todo dia levantava tirava leite até 10 horas entregava não sei quantos tambor de leite. E aí ia jogar sinuca, ia assistir televisão e jogar bola no campo. O leite foi lá para baixo o laticínio fechou. Aí o cara não tinha pra vender, não tinha mais nada. Tinha pasto, tinha o gado, mas não tinha daonde tirar o dinheiro. O dinheiro do dia a dia. Com toda a riqueza do sistema agroflorestal que é uma das coisas que a gente usa como cooperativa muito de conscientizar o agricultor. É que lá na propriedade dele, ele não pode ficar amarrado só em uma coisa. Ele tem que ter 3, 4 alternativas de faturar dinheiro. Porque vem fator climático, fator financeiro, fator governamental, é uma série de coisas.

Leo - O RECA dá essa orientação?

ENTREVISTADO – Dá. A gente faz questão de falar muito disso. Eu sempre falo.

ENTREVISTADOR - Em todas as nossas conversas uma coisa que percebemos é que a cooperativa auxilia muito em todo processo de orientação.

ENTREVISTADO – Mas eu reforço com vocês. Nós temos muitos problemas, eu brinco, que estou até me reeducando de não falar problema. É desafio. Porque é sempre um aprendizado, né. Aqui no RECA, tem o biofertilizante, tem a água de vidro, tem a biocalda tem vários outros ainda.

ENTREVISTADOR - No teu caso específico como agricultor, a tua venda ela é toda via RECA.

ENTREVISTADO –Tudo via RECA.

ENTREVISTADOR - Você acha que isso facilita a aceitação de seus produtos pelos consumidores finais? E se não tivesse a cooperativa?

ENTREVISTADO – Provavelmente não tava nem aqui. Eu provavelmente não tava nem aqui. Eu provavelmente acho que Califórnia seria uma grande fazenda. Porque quando eu vim do sul de Rondônia, que eu me mudei, eu mudei lá pra cima pra BR, daqui uns 80 quilômetros mais ou menos. Se você pegar de lá pra cá hoje até chegar em Nova Califórnia, era tudo família de pequenos agricultores a cada 250, 500m da beira da estrada. Hoje deve ter umas 2 ou 3 famílias só nesse trecho. O resto é tudo fazenda de pecuária de corte, local que era para ter umas 200 família hoje 4, 5 pião cuida. Nova Califórnia se amarrou, se você entrar na Baixa Verde, tem não sei quantas famílias por causa do RECA. Se não é assim. É a história do país, do Brasil, Rondônia foi tudo assim. Fazendeiro, você vem o pequeno agricultor forma um pedaço, o fazendeiro vem oferece uma grana e passa e vai pra favela. A chega no outro ele compra, ele vai engolindo, engolindo.

Leo - O RECA como ele falou, não é só a questão do comércio e dessa facilidade, cria cultura de valorizar o ambiente, esse estilo de vida.

ENTREVISTADOR - Você enquanto agricultor recebe alguma ajuda de alguma instituição local, política pública, alguma outra coisa?

ENTREVISTADO – não.

ENTREVISTADOR - Essaa fala que é muito rica. E essa conversa aqui, justamente porque a minha a minha pesquisa é essa, sair do tradicional, onde a alta tecnologia da agricultura moderna veio engolindo o pequeno agricultor, ela veio meio que pra acabar com ele.

ENTREVISTADO – Mas hoje eu acho que hoje o RECA tá vivendo, né ao longo desses 35 anos, que na verdade a gente 31, mas tem 35 desde quando começou a se reunir, acho que o maior desafio. Essa coisa da pressão do gado, hoje nesse governo nosso, ter uma outra ideologia, uma outra metodologia. Tá muito complicado viu. Uma ameaça muito forte externa. Hoje nós tem gente que tem SAFs, e tem um cara na porta dele insistindo pra ele por gado, que ele compra o bezerro dele antecipado, a 1.500,00, 2 mil reais um bezerro. É uma loucura. A gente tá muito preocupado com isso.

Dizem que a gente nunca sabe o que diz. Mas eu to torcendo muito para o Dio Baili ganhar lá nos Estados Unidos pra dar uma freada no nosso governo, porque senão nossa Amazônia vai se acabar. Isso vai ser tudo destruído. Se vocês forem que aqui para nós é

até perigoso, para essas coisas coisas, aquelas serrarias ali. Oh. Todas lotadas de castanheira, lotadas de muita castanheira, Eu até acho que essa coisa do IBAMA já tá toda camuflada, existe só um show disso aí. A gente tem um senhor aqui, um rapaz que esses dias, porque a gente produz óleo pra natura de castanha, né. Daí esses dias, surgiu uma demanda legal de castanha, eu pensei ao invés do RECA tá se amarrando em tudo que é coisa. A gente aprendeu isso com a Natura, você tercearíza o serviço. Ele compra castanha aqui pro pessoal de fora há muitos anos. Eu fui lá na casa dele. O cara nascido, nascido aqui em Califórnia. Aí comecei a conversar com ele, ele falou com um tom de tristeza, que eu me arrepio. Eu sou apaixonado por essa causa do RECA, ele falou com um tom de tristeza. Ele falou, é ENTREVISTADO eu prevejo que daqui poucos dias nós não vamos mais ter castanha aqui. Aqui chegou a sair 8 carreta de castanha granel, dentro de California aqui, disso aí. 8 carretas a granel, aquelas carretas. Ele falou eu prevejo que daqui poucos dias. Eu fui lá no ramal e voltei, e eu vi tanto caminhão de castanheira serrada. Cara eu fiquei, me da uma dor no coração. E aí o agricultor vem com essa pressão do gado, a facilidade, o estímulo que o nosso ministro do meio ambiente tá dando, Na entrevista dele. Vocês viram a entrevista dele, o que ele falou? Vamo aproveitar a pandemia e vamo passar a boiada na frente aqui. Aquilo ali ele pegou muito mal pro nosso país e pra nossa Amazônia. A gente que viveu esse processo de educação ambiental, aprender a valorizar as nascentes, os rios, a água, a floresta. Então tem umas coisas assim. Aí agora vem. Aquela besteira que começou lá neles quando chegou aqui embaixo.. Agora o gado tá lá em cima e infelizmente, por mais que a gente fala, é tudo bonito, mas a pressão financeira é muito grande gente.
Não sei se o Fábio mandou vocês falar com o Sérgio. O Sérgio foi uma das pessoas que ajudou a fundar o RECA, um cara mega inteligente, daí o dia que a gente conversou sobre isso, ele falou: se você sabe, você sabe o que vai acontecer. Se o pessoal nosso aqui escapar do RECA, com essa paixão para o gado eles vão preparar o gado para preparar a propriedade pra dar para o fazendeiro. Pra poder ir pra cidade, pra favela, ele não usa essa palavra favela, ele também não gosta. Ir porá bairro das cidade. Porque o cara que tem uma pequena propriedade, gado da muito lucro, pra quem tem muita terra. Eu vou formar meus 10 hectares de pasto agora, vou pegar essa onda vou colocar aí, daqui uns dias vem a crise, o fazendeiro vai chegar lá perto de mim. Porque tudo na

vida tem a crise. O dia que der a volta aqui embaixo o cara vai chegar lá botar lá no capim. Te dou tantos mil, ele entrega. Vai no meu vizinho pam, e entrega.

Léo - E de certo modo não precisaria, ele pode fazer um sistema.

ENTREVISTADO – A gente tá querendo fazer isso. Como diz o outro, já que não pode lutar com o inimigo, una-se a ele.